

FERNANDO J. MÚÑEZ

A COZINHEIRA
DE
CASTAMAR

Tradução de Carla Ribeiro

PRIMEIRA PARTE



10 de outubro de 1720 – 19 de outubro de 1720

CAPÍTULO 1

10 de outubro de 1720, pela manhã

Não existem dores eternas – dizia constantemente a si mesma, para se inculcar da esperança de que tudo era passageiro. *Nem alegrias perpétuas*, acrescentava depois. Talvez de tanto a repetir, essa frase tivesse ido perdendo o sentido e manifestasse somente o desgosto que a vida lhe provocara nos últimos anos. Via-se como uma boneca de trapos com as linhas descosidas, condenada a remendar o seu espírito todos os dias. Apesar disso, recompusera-se graças à coragem que lhe nascera da necessidade e ao seu carácter contestatário, com o objetivo de endurecer e seguir em frente. *Ninguém poderá dizer que fui covarde*, repetia Clara para consigo.

Escondida sob a manta de palha que a cobria por completo, centrou a atenção nas gotas de chuva que escorriam pelo fardo. Assim, evitava olhar para a luz opalina que se filtrava pela palha como se fosse uma treliça. Quando o fazia, logo vislumbrava uma imensidade à volta da carroça em que viajava até ao senhorio de Castamar. Tinha então de controlar a respiração, pois a mera ideia de não estar entre as paredes de uma casa acelerava-lhe o ritmo a ponto de a fazer colapsar. Chegara a perder os sentidos devido àqueles ataques de pânico. Como abominava essa fragilidade. Sentia-se vulnerável, como se todos os males do mundo fossem desabar sobre si naquele instante, e apossava-se dela uma lassidão repentina. Recordou que fora precisamente por esse medo que se sentira dividida ao saber, pela senhora Moncada, que havia uma vaga em Castamar. A gorda chefe dos assistentes e da enfermaria aproximara-se

dela e informara-a de que Dom Melquíades Elquiza, um bom amigo seu e mordomo de Castamar, procurava uma oficial de cozinha para a quinta.

– Talvez seja uma oportunidade para ti, Clara – dissera-lhe.

Vira-se impelida para essa oportunidade, mas, ao mesmo tempo, o terror atormentava-a, pois teria de sair do hospital onde trabalhava e residia como interna. Só de se imaginar pelas ruas de Madrid, a atravessar a Plaza Mayor, como antes fazia, com o pai, sufocava até começar a suar e ficar sem forças. Ainda assim, de olhos tapados com um lenço, tentou chegar sozinha às imediações do Alcácer. A sua fraqueza fê-la regressar em estado de pânico mal pôs um pé fora do hospital. A senhora Moncada teve a gentileza de se apresentar em seu lugar ante o senhor Elquiza para falar das suas excelências culinárias. Aparentemente, a sua amizade vinha de longe; tinham-se encontrado quando eram jovens em algumas refeições campestres, quando ela servia na casa do conde-duque de Benavente e ele já na do duque de Castamar. Graças a ela, o senhor Elquiza ficou a saber que o seu amor pela cozinha lhe vinha de família, pois a sua mãe, que tinha a mesma paixão que Clara, era a cozinheira principal do cardeal Giulio Alberoni, antigo ministro do rei Filipe V. Infelizmente, o prelado caíra em desgraça e regressara à república de Génova, levando consigo a mãe de Clara.

Clara, que chegara a ser a sua primeira ajudante, viu-se obrigada a deixar o serviço do cardeal, pois este só permitiu que viajasse com ele a cozinheira chefe. Nesse momento, acreditou que não tardaria a encontrar uma casa senhorial onde servir, mas quando os chefes de cozinha verificavam que as referências vinham da sua própria mãe, não lhe davam crédito e muito menos confiavam numa rapariga demasiado culta. De modo que reduzira as suas aspirações a entrar numa cozinha e, entretanto, ganhara a vida a cuidar dos pobres infelizes do Hospital Geral da Vila, também conhecido como da Anunciação de Nossa Senhora.

Afligia-a profundamente que o seu pai, o reputado doutor Armando Belmonte, se tivesse esmerado tanto em dar-lhes uma educação, a si e à sua irmã, para agora ver-se assim. Mas não o podia culpar por isso. O pai apenas se comportara como o homem culto que havia sido até ao trágico dia da sua morte, 14 de dezembro de 1710. *Tanta educação para nada*, lamentou-se. Desde muito pequenas que a precetora, Francisca Barroso, mantivera uma disciplina férrea sobre a sua educação. Por isso, Clara e a irmã eram conhecedoras de áreas muito distintas, como costura e bordado, etiqueta, geografia e história, latim, grego, matemática, retórica, gramática e línguas modernas, como o inglês e o francês. Além disso, tiveram aulas de piano,

canto e dança, que bem caras tinham saído aos seus pobres pais, e isso sem contar com a sua necessidade pessoal de ler compulsivamente. No entanto, após a morte de seu pai, a educação não lhes serviu de nada e viram-se condenadas à descida na escala social. Por outro lado, a paixão pela cozinha que mãe e filha partilhavam, essa de que o seu pobre pai sempre se queixava, converteu-se no pilar da sobrevivência familiar.

– Minha querida Cristina, para alguma coisa temos uma cozinheira – repreendia-a ele. – Não sei o que diriam os nossos amigos se soubessem que tu e a tua filha mais velha andam o dia inteiro entre os vapores dos fogões quando tendes criadagem que chega e sobra.

Nos anos bons, Clara tivera oportunidade de ler todo o tipo de livros de receitas, inclusive traduções de alguns volumes árabes e sefarditas, muitos deles censurados em Espanha. Devorara com ânsia o *Livro de guisados, manjares e sopas*, do cozinheiro Ruperto de Nola, ou *Os quatro livros da arte da confeitaria*, de Miguel de Baeza, bem como todas as receitas que lhe caíram nas mãos ou nas de sua mãe. Desde pequena que acompanhava a senhora Cano, a sua cozinheira, ao mercado de abastecimento, onde aprendeu a seleccionar as melhores couves e alfaces, o grão-de-bico e as lentilhas, tomates, fruta e arroz. Como gostava de separar, naqueles momentos da infância, as lentilhas e os grãos murchos daqueles que não o estavam enquanto permaneciam de molho, que imenso prazer quando lhe davam a provar o caldo de uma *olla podrida*¹, ou o chocolate amargo que o seu pai conseguira obter graças às suas influências na corte. Sentiu novamente a saudade de ser ver junto à sua mãe a fazer pães-de-ló imperiais, tortas, marmeladas e compotas. Recordou como convenceram o pai a construir um forno de barro a lenha para fazer todo o tipo de pratos. Ele recusara, mas acabou por ceder, a pretexto de cobrir as necessidades da criadagem.

Após conhecer as suas credenciais através da senhora Moncada, o senhor Melquíades aceitou-a para o posto. Castamar representava para Clara o primeiro degrau nas suas aspirações, o regresso a uma cozinha de verdade. Trabalhar na casa do duque de Castamar – que servira o rei, o quinto dos Filipes, como um dos mais destacados ilustres da guerra civil – representava uma vida garantida no serviço doméstico. Tinham-na informado de que aquela era uma casa atípica, pois, possuindo o maior número de grandezas de Espanha, tinha apenas um terço dos

¹ *Olla podrida*: prato típico espanhol composto por carnes e legumes variados. (N. da T.)

criados que seriam de esperar numa casa ducal. Aparentemente, o senhor da casa, Dom Diego, enclausurara-se em vida após o falecimento da esposa, e só nos últimos anos é que o vislumbravam em algumas das refeições da corte.

Antes de partir para Castamar, Clara escrevera à irmã e à mãe. Uma vez que agora o rei Filipe permitia que qualquer súbdito – além da Coroa, da aristocracia e dos comerciantes – utilizasse o serviço postal, pôde informá-las da sua mudança de domicílio e de que voltaria a escrever-lhes para lhes dar um endereço estável. Investiu as suas poucas poupanças para franquiá-las cada carta. Embora não fosse usual, pois o correio era pago pelo destinatário, preferia fazer esse esforço e poupar-lhes o encargo.

Após o envio das suas missivas, Clara teve de esperar um dia para que o senhor Pedro Ochando, chefe dos carros e comprador das cavalações de Castamar, concluísse o seu trabalho de transportador à tarde e subisse os fardos de palha ao romper da aurora. Estava um dia de chuva, a sorte acompanhou-a nisso. O homem teve a gentileza de a recolher nas cocheiras do hospital e, assim, ela não teve necessidade de esconder o seu terror aos espaços abertos.

– Prefiro ir atrás, se não se importa – desculpara-se ela com picardia. – Assim protejo-me da chuva sob os fardos de feno. Não levo muito agasalho.

Levavam mais de três horas sob uma chuva torrencial pelo caminho de Móstoles até Boadilla. De vez em quando, sentia um buraco e pensava, aterrada, que a sua cobertura de palha não tardaria a deslocar-se, deixando-a exposta. Contudo, isso não sucedeu. Pouco tempo depois, com os músculos já magoados pelos solavancos, a galera de carga parou e o senhor Ochando, homem de poucas palavras, disse-lhe que haviam chegado.

Despediu-se dele com um agradecimento e desceu da carruagem de olhos fechados. A chuva fria escorreu-lhe pela gola bordada do vestido, provocando-lhe um pequeno calafrio. Esperou que os queixumes das rodas se afastassem o suficiente e, de coração apertado, atou o lenço à volta dos olhos. Ajudada pelo estreito interstício que mal lhe deixava ver o chão a seus pés e por um cajado que fazia a vez de bengala para cegos, caminhou em direção a um pequeno pátio amuralhado que se estendia atrás do palacete. Manteve o olhar fixo nos próprios sapatos, rezando para que o lenço continuasse a esconder-lhe o resto do ambiente de Castamar. Com a pulsação acelerada, apressou o passo, respirando demasiado rápido, e sentiu que os membros começavam a formigar. Ao passar sob a pequena arcada

do murete que dava as boas-vindas ao pátio, mal se apercebeu de se ter cruzado com umas raparigas da criadação que, entre risos, apanhavam algumas peças de roupa esquecidas nos varais.

De repente, viu-se perdida naquela vastidão e a ínfima abertura do lenço não lhe bastou para orientar-se. Ergueu o olhar e, ao fundo, sob um saguão de madeira, vislumbrou um portão. Não lhe importou que as portadas parecessem fechadas. Com o corpo a vibrar e as forças cada vez mais exíguas, correu até lá, suplicando ao Senhor para não cair de bruços ou desfalecida. Uma vez sob a cobertura, tirou a venda dos olhos, encostou a testa ao umbral, sem pensar que atrás dela se estendia o insondável espaço aberto, e chamou, desesperada.

– Que fazes, rapariga?

A voz surgiu atrás de si, com um timbre seco de autoridade que lhe parou o coração. Virou-se, tentando manter a compostura. Ao erguer o olhar, deparou com as pupilas severas de uma mulher de 50 e poucos anos. Clara manteve os olhos ao alto apenas por um segundo, mas foi o suficiente para saber que destilava uma dureza inclemente.

– Sou Clara Belmonte, a nova oficial de cozinha – disse, sufocada, estendendo-lhe as credenciais assinadas pela senhora Moncada e pela sua própria mãe.

A mulher fitou-a, dedicando-lhe um instante, e pegou no papel com certa parcimónia. O momento pareceu eterno a Clara, a ponto de desfalecer de vertigem, e sentiu-se impelida a procurar dissimuladamente o apoio da parede. A outra ergueu o olhar ao sentir a sua turbacão e, arqueando as sobrancelhas, perscrutou-a, como se conseguisse mergulhar no fundo da sua alma.

– Porque estás pálida? Não estarás doente? – perguntou, antes de continuar a ler.

Clara negou com a cabeça. As pernas arqueavam-se-lhe e soube que não conseguia aguentar mais aquela ilusão de normalidade. No entanto, sabia que, se expusesse abertamente a sua impossibilidade de sair para espaços abertos, perderia aquele trabalho, pelo que cerrou os dentes e tentou respirar fundo.

– O senhor Melquíades disse que me ia enviar uma criada com alguma experiência. Não serás muito jovem para tudo o que diz aqui?

Com uma vénia, fazendo uso da sua melhor etiqueta, Clara respondeu que aprendera com a mãe em casa de Sua Eminência, o cardeal Alberoni. A mulher devolveu-lhe, com indiferença, as credenciais. Depois,

com um movimento eficaz, estendeu a mão, extraiu o jogo de chaves e abriu a porta.

– Segue-me – ordenou, e Clara entrou no corredor, aliviada.

À medida que avançava, seguindo os passos enérgicos da mulher, Clara começou a recompor-se. A galeria de paredes brancas e despidas revelou ser muito extensa e ela aproveitou para se apoiar disfarçadamente, agora que ia atrás. Num tom despótico, a mulher informou-a de que a porta que acabavam de atravessar devia estar sempre fechada e que a sua entrada ficava do outro lado do pátio, que aparentemente dava diretamente para a cozinha. Essa ordem foi um alívio para ela, não tinha qualquer intenção de se expor fora da residência.

Cruzaram-se com três criados que falavam em voz alta; várias criadas de quarto que, só de ver a mulher, ajustaram as suas librés e dirigiram-se ao andar de cima; dois entretidos de olhos cansados, assim designados por serem aspirantes a serviçais; o comprador da cozinha, um tal Jacinto Suárez, que era o responsável por supervisionar as compras de mantimentos em Castamar. Junto a ele, caminhava Luis Fernández, o despenseiro, encarregado de controlar a despensa onde se guardavam as viandas gerais, os vegetais, como legumes e hortaliças, e o armazém onde se reunia a cera de queimar, o carvão e a lenha. A mulher saudou-os pelo nome, ativa e seca. Após serpentear pelos corredores do edifício, surgiram dois lanterneiros, encarregados da iluminação da casa e do jardim, que inclinaram de tal modo a cabeça ante a mulher que o queixo lhes tocou no peito. Também se depararam com uma rapariga avantajada, Galatea Borca, que tinha covinhas nas bochechas e que levava na mão um jogo de várias molheiras para distribuição. À sua frente, a chefe, Matilde Marrón, responsável pela *sausaria*² e frutaria de Castamar, indicava-lhe, com gestos nervosos, que limpasse bem os galheteiros. Todos e cada um deles se foram perfilando marcialmente diante da mulher, interrompendo o que estivessem a fazer nesse momento.

– Estás à experiência até que eu julgue oportuno e, se o teu trabalho ou dedicação não forem do meu agrado, voltarás imediatamente para Madrid. Receberás seis reais de bilhão diários, terás direito a três refeições por dia e um dia de descanso por semana, que normalmente será ao domingo. De qualquer modo, poderás assistir à missa em todos eles.

² Local da casa senhorial para onde são levadas as sobras das refeições e onde muita da criadagem faz as suas. (N. da T.)

Dormirás na cozinha, num pequeno camarim que fecha com uma porta de correr – explicou, com rigorosa exatidão, enquanto passava à frente de duas lavadeiras sem lhes prestar qualquer atenção.

Clara assentiu. Se estivesse na corte do rei e fosse um varão, o seu salário rondaria os doze reais de bilhão por dia, mas, apesar de ser uma das casas mais importantes de Espanha, Castamar não era o Alcácer Real, nem ela um homem. Ainda assim, o salário estava acima da média, pelo que se sentiu afortunada; havia raparigas a esfregar escadas por menos de dois reais ao dia. No seu caso, podia pelo menos poupar para se, no futuro, se visse em piores circunstâncias.

– Não tolero vadiagem nem relações secretas entre a criadagem, nem, claro, a visita clandestina de homens – prosseguiu a mulher.

Avançaram pelo corredor, de cujo teto sobressaía um belo artesoadado de madeira, até chegar a umas portas duplas de cerejeira alaranjada. Por cima delas, um cartaz apresentava o recinto com o nome de «fogões», indicando que estavam prestes a entrar na cozinha. De repente, outra criada de quarto apareceu com uma bandeja de prata. Levava um pequeno-almoço composto por um *consommé* de aves, leite e chocolate em jarras separadas, pão tostado com manteiga e polvilhado com açúcar e canela, ovos escalfados, pãezinhos fofos e um pouco de toucinho. Clara apercebeu-se de que o *consommé* estava demasiado condimentado, as tortas demasiado gordurosas, os ovos demasiado coalhados e, aos pãezinhos, faltavam alguns minutos de cozedura. Além disso, sentiu a falta, junto à criada, de um oficial de viandas, próprio das dependências de padaria, encarregado de acompanhar os talheres, o copo, o pão e a comida desde a cozinha até ao senhor. Só o torresmo é que parecia bem preparado, devidamente frito e frito na própria gordura. Ainda assim, o que mais lhe chamou a atenção foi a apresentação. Apesar do distinto conjunto de taças estampadas e dos elegantes talheres de prata, nos quais era visível um garfo de quatro dentes, talher pouco usual, percebia-se que esta não tinha a atenção adequada a um Grande de Espanha. A distância entre talheres não estava bem arranjada e o pior de tudo era a ausência escandalosa de uma mínima decoração floral, indispensável ao pequeno-almoço; a pequena toalha branca bordada com espiguiha sobressaía da bandeja sem a oportuna correção; os bolos, o *consommé*, o toucinho e os ovos, que deviam estar debaixo das respetivas campânulas de prata, para assim conservar o calor, mostravam-se, pelo contrário, sem a surpresa indispensável que este utensílio outorgava.

Bastou um olhar da mulher para que a criada se detivesse. A governanta aproximou-se, pôs, com precisão retilínea, a colher de café à distância adequada do jogo de pequeno-almoço e dispôs, com correção, o de jarras de prata.

– Que não se te mexa, Elisa – ordenou, com o seu timbre aterrador.
– Vamos, podes ir.

Clara compreendeu que a governanta tinha um alto sentido da etiqueta e do protocolo, embora desconhecesse as sofisticadas apresentações versalhescas e a elaboração culinária da alta cozinha que havia vindo com a corte do rei Filipe.

– Com certeza, Dona Úrsula – respondeu Elisa, e fez uma vénia com a pesada bandeja e esperou que elas entrassem na cozinha.

Todos pararam bruscamente ao vê-las entrar e fizeram uma pequena reverência. Era óbvio que a mulher dominava também toda a cozinha de boca do duque e as dependências com ela relacionadas. A um gesto da governanta, retomaram a atividade e Clara observou como as duas ajudantes de cozinha continuavam a depenar habilmente os respetivos capões para a refeição do dia. Algo distraída, outra temperava duas galinhas jovens e, ao fundo, viu que uma mulher gorda as vigiava de soslaio enquanto preparava um molho de cogumelos franceses para acompanhar a carne.

Clara pensou que o pessoal era certamente escasso para o prestígio de uma casa nobiliárquica como Castamar. Viu que faltavam pelo menos mais três ajudantes, como segundas cozinheiras, algum subajudante das primeiras, mais serviçais e vários entretidos e, finalmente, mais moças para esfregar, varrer e depenar capões. Ainda assim, segundo lhe havia dito a senhora Moncada, o senhor vivia na fazenda só com o irmão, e, ainda que a pompa se ressentisse, quatro pessoas para o seu serviço de boca eram mais do que suficientes em termos práticos.

Clara correspondeu à cortesia com uma reverência semelhante e perguntou-se como era possível que uma governanta pudesse açambarcar tanto controlo. O normal numa casa nobiliárquica era que esta tivesse sob a sua supervisão o pessoal feminino, desde as criadas de quarto e de casa, camareiras, açafatas e serviçais às lavadeiras e engomadeiras. Todavia, aquela mulher parecia controlar igualmente homens e mulheres. Era mais uma espécie de vedora, o cargo mais importante da criadagem no seio da corte real a seguir ao de mordomo-mor, que tinha, entre as suas competências, a inspeção das dependências, fixar os preços e livranças e a gestão

da fazenda. Logicamente, o *bureo*³ – órgão presidido pelo mordomo-mor, que administrava e geria a corte – era formado por vários nobres do mais alto calibre ao serviço dos monarcas. O *bureo* de Castamar, pelo contrário, era composto apenas por indivíduos de origem humilde. Por agora, as suas duas cabeças visíveis eram Dom Melquíades Elquiza, mordomo de Castamar, e aquela mulher imponente que estava diante dela, e que logo soube chamar-se Úrsula Berenguer. Perguntou-se como seria a relação entre o senhor Elquiza e a governanta.

– Falta uma semana para celebrarmos a festa anual em memória da falecida esposa do senhor, a nossa querida Dona Alba – disse-lhe Dona Úrsula, com uma certa solenidade. – Para o duque, é muito importante. Este evento é um compromisso incontornável para toda a aristocracia madrilenha e Suas Majestades os Reis. Devemos estar à altura.

Clara assentiu e a mulher desviou o olhar para o fundo.

– Senhora Escrivá – disse com aspereza –, apresento-lhe a sua nova criada para o serviço de cozinha: a menina Clara Belmonte. Informe-a do resto das suas obrigações.

A gorda cozinheira aproximou-se e Clara sentiu que a perscrutava com os seus olhos de javali, como se ela fosse um pedaço de carne. A governanta partiu, deixando atrás de si um silêncio tenso. Enquanto as outras três mulheres não lhe tiravam os olhos de cima, Clara aproveitou para observar os detalhes da cozinha. A mãe sempre lhe dissera que o aspeto de uma cozinha era o do seu cozinheiro. Depois do pequeno-almoço que haviam oferecido ao senhor, não a surpreendeu ver os fogões enegrecidos de fuligem; o forno e a campânula da chaminé ainda por limpar; os cabides desorganizados, o sumidouro algo obstruído e as coberturas do poço impudicamente abertas. Os cofres de especiarias, fechados à chave e com os nomes gravados no metal, mostravam-se gordurosos nas prateleiras do fundo; além disso, foi-lhe impossível averiguar sob que critério de ordem ou classe estavam colocados. Junto a eles, estavam as tulhas, de cujas bases se soltavam pequenos filamentos ambarinos de gordura. A parede de vidros duplos que dava para o pátio norte perdera já a sua natureza translúcida; a bancada de trabalho tinha restos de sangue, vinho, especiarias e entranhas de preparações anteriores, que haviam ocultado

³ *Bureo*: tribunal encarregado de resolver os litígios envolvendo empregados da casa real. Ocupava-se também da economia e provimento da casa. (N. da T.)

a cor do freixo, o que lhe indicava que, apesar da limpeza diária, a prancha de trabalho não tinha sido raspada com a devida dedicação.

– Que bicho mais mirrado que me trouxeram – disse a cozinheira chefe, fitando-a com desdém.

Clara deu um saltinho e um passo atrás. Ao pousar o pé no escorregadio solo de ladrilhos, sentiu que algo rangia sob os seus botins. A senhora Escrivá sorriu ao ver como levantava a sola e descobria uma barata esborrachada.

– Já fizeste algo de útil, é uma a menos com que nos preocuparmos. Por mais que tenham tentado exterminá-las, nada. São uma praga – disse ela, e todas as presentes se riram ante o comentário da sua superior imediata. – Sou Asunción Escrivá, a cozinheira de Castamar, e estas duas são a María e a Emilia, as aprendizas. E a que está a preparar as aves de capoeira é a Carmen de Castillo, a minha ajudante. Essa descabelada é a Rosalía, é doida varrida. O senhor tem-na aqui por compaixão. Encarrega-se de levar e trazer coisas.

Clara descobriu uma quinta pessoa debaixo da mesa. Rosalía fitou-a, de boca aberta e com a baba a escorrer, enquanto a cumprimentava com um sorriso triste. Depois, ergueu a mão e mostrou-lhe outra barata.

– Gosto do som estaladiço – disse, com grande esforço.

Clara estava a devolver-lhe o sorriso quando a senhora Escrivá se aproximou dela e a agarrou pelo braço com alguma violência.

– Começa a descascar essas cebolas – vociferou. – Acorda, rapariga, que vieste para trabalhar, não para ficares a olhar para a morte do bezerro!

A Clara, fez-lhe lembrar uma porca gorda e velha a guinchar na pocilga. As suas ilusões de trabalhar às ordens de um grande cozinheiro esfumaram-se nesse instante. Bastou-lhe detetar as unhas da senhora Escrivá, enegrecidas pelos restos de comida e fuligem, para compreender que pouco poderia aprender com ela. Era evidente que o senhor de Castamar se tinha abandonado à rotina de uma comida sem decoro e sem a limpeza necessária. Em nenhuma casa nobiliárquica que se prezasse permitiriam semelhante desleixo.

10 de outubro de 1720, a meio do dia

Os homens gostavam de tomar as rédeas, mas Úrsula tinha aprendido dolorosamente que nunca ninguém voltaria a vergar a sua vontade. Por isso, a chegada da nova oficial de cozinha sem a sua aprovação, sem

sequer um aviso prévio da sua contratação, desatara a sua ira. De vez em quando, Dom Melquíades Elquiza desafiava o seu império sobre a criação da casa, mas naquele senhorio não havia uma voz mais alta do que a sua e o mordomo sabia disso. Se a enfrentasse, teria muito mais a perder do que o posto de trabalho. O melhor para todos teria sido que ele se tivesse ido embora há muito tempo, levando consigo o seu obscuro segredo. Dessa forma, em Castamar, tudo ficaria sob a sua supervisão atenta, funcionando como um carrilhão de corda devidamente afinado.

Perdida nestes pensamentos, Úrsula percorreu o corredor, deixou à sua direita as escadas que conduziam aos andares superiores e chegou às portas do gabinete da mordomia. Bateu com dois golpes ligeiros para ocultar o que fervia no seu interior. A voz profunda do senhor Elquiza fez-se ouvir do outro lado, permitindo-lhe a passagem. Úrsula entrou e fechou a porta. Tal como exigia o protocolo, fez um pequeno gesto com a cabeça e chamou-o pelo nome. Dom Melquíades escrevia num dos seus caderninhos azuis, que nunca ninguém ia ler. Decerto tinha uma prosa deplorável e um gosto exacerbado pelos cultismos, para dar a impressão de um homem versado em letras. Escrevia os seus diários com toda a profusão de pormenores, tentado transportar para o papel a dedicação que mostrava na sua vida de mordomo. Uma entrega que, na sua opinião, a passagem dos anos fora diluindo até o converter num criado habituado à rotina, sem qualquer ambição de melhorar. Úrsula esperou que ele levantasse a cabeça do caderno. Fez-se um silêncio entre ambos, um daqueles habituais silêncios pesarosos que a irritavam sobremaneira. Dom Melquíades limitou-se a erguer o olhar e falou-lhe sem sequer parar de escrever.

– Ah, é a senhora – disse, lacónico.

Ela ignorou o seu menosprezo e aguardou, como quem observa uma presa no escuro, antes de o humilhar pela sua tentativa fracassada de impor a sua autoridade.

– Vinha informá-lo de que já chegou a criada para a cozinha – disse-lhe Úrsula, com absoluta correção. – Suponho que tem qualificações de sobra e...

– Tem, basta que leia as credenciais dela, Dona Úrsula – interrompeu-a ele secamente, sem levantar a cabeça.

Novamente Úrsula guardou silêncio e ele arqueou uma das suas densas sobrancelhas e olhou-a de soslaio, de baixo para cima, como se pretendesse incomodá-la. Úrsula aguardou. Sabia que este jogo terminaria com a sua vitória.

– Para a ceia anual de Sua Excelência, talvez fosse conveniente preparar um dos salões da ala este – disse, mudando de assunto.

Ele não respondeu, continuando a escrever. Úrsula disse para consigo que ele devia sentir-se poderoso no seu silêncio, como se tivesse de lhe dar permissão para fazer tal coisa. Ainda assim, apertou os lábios enquanto ele alongava o seu mutismo por mais alguns segundos.

– O que julgar oportuno, Dona Úrsula – respondeu, por fim, Dom Melquíades.

Ela deixou passar alguns instantes antes de infligir o golpe derradeiro. Aproximou-se da escrivaninha e esquadrinhou-o como a um inseto.

– Dom Melquíades, far-me-ia o favor de parar de escrever por um momento e atender-me adequadamente? – pediu, em tom cortês.

– Desculpe, Dona Úrsula – respondeu de imediato, fazendo-se de distraído.

Com um sorriso dissimulado, Úrsula aproximou-se um pouco mais, sentindo que o fazia parecer pequeno e encolhido. Então, com suavidade, soltou-lhe palavras incisivas, as que sabia que mais mal fariam ao seu orgulho de homem e de criado:

– Dom Melquíades, o senhor é o mordomo-mor de Castamar, peço-lhe que se comporte como tal...

O homem enrubesceu e levantou-se da cadeira, iracundo.

– ... sobretudo na minha presença – concluiu ela.

Dom Melquíades tremeu como gelatina acabada de pôr no prato. Úrsula atrasou deliberadamente o retomar da palavra até que ele ia a fazê-lo.

– Ou ver-me-ei obrigada a falar com Sua Excelência sobre o seu pequeno segredo – interrompeu-o novamente.

Dom Melquíades, ciente de que só podia claudicar ante semelhante ameaça, envolveu-se num ar de abatimento; ainda assim, numa tentativa de manter a sua dignidade, cravou nela as pupilas descaradamente ofendidas.

Ela esboçou um sorriso entre as comissuras dos lábios. Era a vitória habitual, a que há anos vinha obtendo sobre ele e que de vez em quando importava lembrar-lhe; uma vitória sobre o poder masculino e sobre aquela sociedade repressora que tanto a prejudicara no passado. Aqueles desmandos de Dom Melquíades iam-se repetindo com cada vez menos frequência, até que um dia ele seria apenas um homem habituado a que as grandes decisões de Castamar se limitassem a passar pelo seu gabinete como uma mera informação. Úrsula virou-se para ir embora, tal como de

outras vezes. Mas, ao chegar à porta, disse a si mesma que aquele olhar desafiante merecia uma capitulação maior.

– E, já agora, não se aborreça tanto – acrescentou. – Ambos sabemos quem dirige esta casa. Somos como um casal mal casado: apenas cobrimos as aparências.

Dom Melquíades alisou o bigode. O seu rosto espelhava a tristeza das almas vencidas. Úrsula voltou-se para sair definitivamente, mas, de soslaio, pôde ver como o mordomo-mor de Castamar se deixava cair frente à escrivaninha, no seu trono de cinzas.